

“Amar e mudar as coisas me interessa mais”: entrevista com Eduardo Lacerda.

“Amar e mudar as coisas me interessa mais”: interview with Eduardo Lacerda.

Felipe de Souza Monteiro¹

RESUMO: Entrevista com Eduardo Lacerda, editor e poeta.

ABSTRACT: Interview with Eduardo Lacerda, editor and poet.

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo Lacerda; Entrevista; Leitor; Leitura; Literatura.

KEYWORDS: Eduardo Lacerda; Interview; Reader; Reading; Literature.

Eduardo é editor e poeta. Em 2011, fundou a Editora Patuá, de onde é um dos sócios, ao lado de sua esposa Pricila Gunutzmann. Com uma estrutura modesta e com foco em literatura brasileira contemporânea, a editora já publicou mais de 1700 títulos, grande parte deles de autores e autoras estreantes, tendo conquistado prêmios importantes, como o Jabuti, o Prêmio São Paulo de Literatura, o Casa de Las Américas, entre outros. Como poeta, Eduardo Lacerda publicou *Outro dia de Folia*.

¹ Bacharelado em Ciências Sociais. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (PPGECLLP/USP).



Entrevistador: Eduardo, de acordo com a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em 2020, apenas 52% da população brasileira é leitora (ou seja, leu, integral ou parcialmente, qualquer tipo de livro nos últimos 3 meses, de acordo com o critério adotado pela pesquisa), sendo que destes 52% de pessoas leitoras, apenas 28% declararam ler livros de literatura. Nesse contexto, quais são os principais desafios enfrentados por um editor de obras literárias, sobretudo no caso da Editora Patuá, que, em geral, publica autores estreantes, não cobra pela publicação, e tem em seu catálogo um vasto espaço dedicado à poesia (gênero que, em geral, encontra maior dificuldade para adentrar as grandes editoras)?

Eduardo Lacerda: Sempre que me perguntam sobre as dificuldades de ser editor de livros literários no Brasil, penso que o editor, o escritor, o artista brasileiro não podem, não podemos, estar em uma posição de privilégio pela condição de trabalho intelectual (embora meu trabalho seja quase todo “braçal” e, infelizmente, muitas pessoas ainda entendem essas atividades como excludentes, como se um escritor não pudesse carregar seus livros e lavar sua louça ou como se uma pessoa trabalhando na portaria de um prédio não pudesse filosofar e escrever poemas. Lembro de uma declaração da atriz Myriam Muniz que dizia que carregava cadeiras no teatro e que muitos jovens atores e atrizes não queriam carregar a cadeira, limpar o teatro, acho que é isso, eu quero carregar a cadeira, quero fazer o trabalho pesado também.)

O que quero dizer é: estamos no Brasil, nada aqui é fácil. Estranho seria se não tivesse dificuldades e desafios que todo brasileiro enfrenta todos os dias: descaso do poder público, o desprezo das elites, o pouco dinheiro, a pouca valorização de todos os profissionais, a falta de recursos e estrutura, a calamidade. Em nossa área, especificamente, a falta de bibliotecas, a desvalorização da

educação, o pouco hábito de leitura, a falta ou o pouco de dinheiro para comprar apenas o básico e que impede a compra de livros, poucas livrarias e a concentração delas em áreas ricas das grandes cidades ou em shoppings, a hipervalorização dos best-sellers estrangeiros (não há qualquer problema em best-sellers, mas quando boa parte de nossos leitores leem apenas livros estrangeiros produzidos em massa, perdemos uma boa oportunidade de valorizar a literatura nacional, nossos escritores e escritoras, nossas realidades. Não preciso me aprofundar nas questões do imperialismo e colonialismo cultural).

Então, nosso desafio deveria ser entender a edição e o comércio de livros como parte de uma sociedade fraturada e, a partir disso, construir ou reconstruir um projeto de democratização da leitura, do livro e da literatura e que beneficiasse não só os donos de editoras, das grandes editoras, mas os leitores, leitoras, escritores, escritoras e todos os profissionais que fazem parte da cadeia do livro. Isso incluiria a distribuição de livros, a construção de bibliotecas, o incentivo às livrarias, o apoio financeiro aos escritores e escritoras, a inclusão do livro na cesta básica, a valorização da literatura na escola, o preparo dos professores e professoras (que em hipótese alguma podem ser responsabilizados, mas com melhores condições de trabalho, menor jornada, melhores salários, poderiam desenvolver mais habilidades de incentivo à leitura).

Entrevistador: Você acha que aumentar a população leitora passa por ampliar a diversidade da população escritora, dando voz a grupos geralmente pouco ouvidos?

EL: Existem muitos desafios e trabalhos que precisamos fazer para aumentar a população leitora e incentivar a escrita pode ser um destes trabalhos, claro. Precisamos lembrar e relembrar sempre que historicamente o acesso à educação



e, principalmente, arte, livro, literatura, escrita e publicação de livros sempre foi um privilégio. Isso começou a mudar nos últimos anos, novas tecnologias de produção editorial e gráficas permitem se fazer um livro de casa, apenas com um computador ou celular simples. A sociedade também mudou para melhor (e exatamente essa mudança gerou uma onda reacionária), mais mulheres publicam livros e ganham prêmios, mais autores negros são reconhecidos, mais pessoas LGBTQIA+ podem falar e são ouvidas, mais indígenas dão palestras. Eu entrei no curso de Letras [da USP] em 2001, eram poucos os alunos e as alunas de escolas públicas, poucos os alunos negros, as alunas negras. Há algum tempo estive na Letras e é possível perceber que a faculdade é mais diversa. Isso vai se refletir não somente em graduados oriundos de escolas públicas ou pessoas negras se formando, mas em mais mestres e doutores negros, mais professores, pesquisadores, mais diversidade em tudo o que é publicado. É um longo caminho.

Preciso lembrar do escritor Marcelino Freire. Ele diz que não dá voz para ninguém, ele escuta. Os editores ou editoras não dão voz aos grupos ou “minorias”, não dou voz às mulheres, não dou voz aos negros, não tenho que dar nada, no sentido do poder do homem branco que decide, como um Deus, dar algo. As pessoas têm voz, nós escutamos, nós trabalhamos juntos, nós entendemos que precisamos ler mais mulheres, que precisamos ler mais mulheres negras, que precisamos ler mais pessoas que moram em estados do norte ou nordeste, que precisamos olhar para as literaturas produzidas em favelas, para as literaturas escritas nas periferias das grandes e pequenas cidades.

Sempre cito o professor Antonio Candido, para quem a literatura é um direito, eu costumo dizer que eu considero publicar livros, escrever literatura, ir a saraus, ser escritor um direito também.

Entrevistador: Você considera que outros meios, como a internet ou os livros digitais, podem atuar como aliados na formação de novos leitores?

EL: Sim, completamente. Vou citar novamente o professor Antonio Candido, que vai dizer que “o rádio, o cinema, o teatro atual, as histórias em quadrinhos. Antes que a consolidação da instrução permitisse consolidar a difusão da literatura literária (por assim dizer), estes veículos possibilitaram, graças à palavra oral, à imagem, ao som (que superam aquilo que no texto escrito são limitações para quem não se enquadrava numa certa tradição), que um número sempre maior de pessoas participasse de maneira mais fácil dessa quota de sonho e de emoção que garantia o prestígio tradicional do livro (...)”. E é claro que a linha de pensamento do Candido vai por muitos outros caminhos que não são exatamente culpar esses meios. Mas quero afirmar que não vejo a televisão, o rádio, a internet, os videogames como responsáveis pelos baixos índices de leitura de nosso país. Acho que podem ser aliados, que a dita “intelectualidade” nunca soube ou mesmo quis aproveitá-los para o incentivo ao livro, leitura e literatura. E isso é realmente triste e preocupante. Há alguns anos, uma novela teve o ator Antônio Fagundes interpretando um personagem editor de livros. Em alguns capítulos ele mencionava alguns títulos, e o número de exemplares vendidos cresceu nas livrarias. Algum tempo depois, o ator esteve em um programa de televisão e leu um trecho de um livro da Patuá. No mesmo dia e por alguns dias depois, o número de livros que vendemos aumentou muito.

Mas, respondendo sua pergunta, a internet e os livros digitais são plataformas, podem ajudar a democratizar o acesso, o que é excelente, mas não garantem que teremos um aumento do número de leitores. Hoje, uma boa parte das pessoas têm um celular (sempre lembrando que há uma multidão que não tem



nem mesmo o que comer, mas o fato é que 82% dos brasileiros têm um celular). Automaticamente, essas pessoas têm quase que toda a biblioteca da humanidade disponível (embora a leitura no celular não seja exatamente confortável). O que quero dizer é que a formação de leitores não passará apenas pela mudança de plataforma. A internet e os meios digitais são ferramentas incríveis, como o rádio e a televisão já foram (no sentido de novidade, de público), mas se não soubermos aproveitá-los, continuaremos vendo esses meios como inimigos e vilões e não como ferramentas e aliados na formação de leitores.

Entrevistador: O que você acha que poderia ser feito em nome de uma Educação Literária (incluindo políticas públicas e ações da sociedade civil)?

EL: Já citei algumas aqui, mas o poder público precisa levar o livro, a leitura e a literatura a sério. É importante que as secretarias ou ministério da Educação distribuam livros, mas a simples doação de acervo não acabará – sozinha – com nosso problema de formação de leitores. Precisamos investir na criação de bibliotecas com espaços culturais e de convivência; precisamos incentivar a criação de livrarias de rua (com menos impostos municipais como, por exemplo, isentar uma livraria do IPTU como fazemos com as igrejas); precisamos valorizar todas as pessoas envolvidas na “cadeia do livro”, não apenas os editores e editoras, mas os escritores e escritoras e todas as outras pessoas envolvidas na produção de um livro; precisamos criar prêmios e editais para que escritores e escritoras sejam reconhecidos por seu trabalho; precisamos capacitar mediadores de leitura para que consigam trabalhar com os acervos doados; precisamos valorizar o trabalho de professores e professoras para que ganhem salários justos, tenham jornada de

trabalho menor e melhores condições de trabalho, para que possam também participar da formação de novos leitores (ainda mais do que já fazem).

São infinitas as possibilidades.

Por que não podemos ter livros na cesta básica do brasileiro? Durante a pandemia de Covid-19, a cidade de Montevideu, no Uruguai, distribuiu livros na cesta básica. Fazer livros (em altas tiragens) é tão barato, mas tão barato. É possível produzir livros por centavos, um investimento de poucos milhões permitiria que cada brasileiro recebesse um exemplar de um livro de um grande escritor ou escritora de nossa literatura. É um sonho.

Entrevistador: E enquanto editor, o que você acha que pode ser feito no sentido de formar leitores? Há algum projeto que já fez ou que ainda queira fazer nesse sentido?

EL: Algumas vezes me perguntam como me vejo daqui a cinco ou dez anos e sempre penso que quero me envolver mais com a formação de leitores e leitoras. Ainda quero publicar livros porque acho que publicá-los ajuda a formar leitores, leitoras, mas gostaria de participar de maneira mais ativa desse desafio, de me envolver em políticas públicas e também iniciativas que pudessem envolver as empresas.

Entrevistador: Por fim, falando um pouco sobre o Eduardo-leitor, o que foi importante na sua vida para que você passasse a ser um leitor de literatura?

EL: Não existe um caminho único para ser formar um leitor, o caminho se faz ao caminhar (para lembrar Antonio Machado), ler é como sonhar, é imprevisível. Claro, podemos criar as condições para isso, mas sonhar e ler são aventuras imprevisíveis.



Em casa, meu pai tinha alguns livros, poucos e sem critério, alguns de Paulo Coelho, alguns de Zíbia Gasparetto, muitos com histórias espíritas. Meu pai é pai-de-santo, sacerdote da Umbanda. Tinha também alguns livros do Círculo do Livro, uma coleção por assinatura muito importante nas décadas passadas, coisas de Machado de Assis, Ignácio de Loyola Brandão. Os livros ali, guardados em um pequeno armário que era embutido na parede embaixo da televisão, na minha casa, ao lado de um outro armário exatamente igual onde guardávamos as comidas, ao lado de um terceiro armário dos discos de vinil, ao lado do armário onde minha mãe guardava os documentos e as fotos (em um tempo que fotos eram raridades). Aquele lugar, embaixo da televisão, era quase um labirinto onde adorava me perder. Eu fuçava os livros, tinha interesse. Quando comecei a ler, adorava ler os livros didáticos atrás de poemas. Já um pouco mais velho, eu ficava sozinho em casa com meu irmão, e meus pais iam ao terreiro. Toda sexta-feira, fui descobrindo os livros – como o sonho, caminhos imprevisíveis – e os discos do Belchior. Os primeiros que li eram espíritas, por isso defendo todas as literaturas, embora esses livros não me encantem mais. E a minha religião passou a ser o livro, a literatura, a poesia. E também o verso de Belchior “amar e mudar as coisas me interessa mais”.

Recebido em 14/03/2023

Aceito em 28/04/2023